



6. A Menina Morta: A Presença do Mal na Obra de Cornélio Penna

Júlio Flávio V. Ferreira^I

O presente trabalho tem o intuito de demonstrar elementos do mal contidos em *A menina morta*, romance do escritor fluminense Cornélio de Oliveira Penna, que narra a história de uma família cafeeicultora e patriarcal que vive no Século XIX no interior de Minas Gerais na Fazenda do Grotão, na região do Vale do Paraíba, lugar de grandes fazendas cafeeiras. A narrativa demonstra elementos sombrios e uma atmosfera penumbrosa na qual todos os integrantes da casa vivem e sofrem os males decorrentes da perda da infante. Nesse trabalho, ainda veremos que o mal será abordado por um prisma metafísico no qual a dor e o sofrimento seriam oriundos dele.

Palavras-chave: Cornélio Penna, *A menina morta*, mal.

This paper aims to demonstrate evil elements contained in the *dead girl*, a novel by Cornélio de Oliveira Penna, born in Rio de Janeiro, who narrates the story of a coffee-growing family and patriarchal living in the nineteenth century in Minas Gerais in the Farm Grotto, in the Vale do Paraíba, instead of large coffee plantations. The narrative shows elements of a dark and gloomy atmosphere in which all members of the house live and suffer the evils arising from the loss of an infant. In this work, we shall see that evil will be approached by a metaphysical perspective in which pain and suffering would be from him.

Keywords: Cornélio Penna, *The dead girl*, bad.

Introdução

A menina morta é considerada por muitos estudiosos da área literária a obra-prima da produção de Cornélio Penna, pois tal criação sublime se constitui de uma narrativa que envolve o leitor com situações e informações onde o “não dito” suscita indagações e forma enigmas. O ambiente no qual a narrativa ocorre é um lugar sombrio e misterioso que abre fendas para inúmeras interpretações sobre tudo de estranho e malévolo que acontece no



espaço da trama. A família cafeeira que mora no Grotão é protagonista da trama que envolve personagens como, Carlota, a filha mais velha que retorna dos estudos na corte após a morte de sua irmã mais nova, Dona Mariana que é a matriarca da família, a qual num primeiro plano é vista como uma pessoa soberba e opulenta, mas depois se mostra vítima da violência do regime patriarcal e opressor que rege sua vida, o Comendador Albernaz, o patriarca e grande escravocrata que rege o Grotão com e rispidez sem demonstrar qualquer sentimento para com seus parentes que habitam em sua casa. A trama corneliana é capaz de nos mostrar como o mal, sob as perspectivas leibnizianas, aparece na trama e acomete várias personagens, dentre elas, a principal, a filha mais nova da família, a qual não se sabe o nome e nem o motivo de sua morte, mas a partir dessa perda toda a família e seus negócios vão se fragilizando, o que culmina num fim contraproducente ao que seria se a filha mais nova não estivesse morrido, ou a filha mais velha não se recusasse casar-se com o herdeiro de um membro da corte, o jovem João Batista que mora na fazenda Paraíso, vizinha do Grotão.

Cornélio Penna nasceu em Petrópolis (1896), no estado do Rio de Janeiro e faleceu na capital fluminense (1958), onde passou grande parte de sua vida. Depois de desistir da carreira de pintor, ele dedicou-se a literatura publicando quatro romances, dentre eles está o que é considerado sua mais importante obra, “A menina morta”, publicado em 1954. Tal romance é considerado pela crítica uma das melhores narrativas de produção nacional. Na maioria de suas obras, Cornélio demonstra traquejo para criar atmosferas lúgubres e sombrias, nas quais o leitor é submerso por situações onde o mal se mostra presente de uma forma assustadora e devastadora fazendo com que os espectadores sintam veementemente situações de medo, desconfiança e tensão, porém de forma velada, o que acentua mais ainda esse turbilhão de sensações inquietantes por qual perpassa as personagens e quem as observa.

O autor de “A menina morta” não teve reconhecimento imediato da grande relevância e magnitude de suas obras, pois só depois de certo tempo suas obras foram reconhecidas, tendo talvez, apogeu dos “romances sertanistas”, a responsabilidade de ter ofuscado outras obras que eram produzidas na mesma época. Além de demonstrar a violência e o silêncio imposto por um sistema escravocrata e patriarcal, o autor também quase não deixa rastros de qualquer atividade libidinosa na em “A menina morta, pois o narrador não faz menções diretas a atos sexuais, tudo acontece de forma velada. É preciso, talvez, levar em conta a religiosidade do autor, o qual pode ser vista com valores fortes que arguem as faltas supostamente cometidas pelas personagens, portanto, a presença de valores católicos são tacitamente expostos durante



a narrativa, já que segundo tradições judaico-cristã, o preço pago ao pecado, é a morte, simbolizada pelo ato da condenação e da privação a vida eterna proporcionada pela ressurreição de todos os que “morrem em cristo” “...via o painel que representava a santíssima trindade ,as duas irmã parentas do senhor...tirou dos bolsos o terço e parecia disposta a acompanhá-las na oração”.^{II}

Pensemos o que a obra de Cornélio Penna apresenta quanto aos termos nucleares em Baille. Mesmo sua leitura superficial nos faz notar a presença obsessiva da violência , da morte, e da religiosidade. Já a ocorrência do termo sujeira se faz de maneira metafórica: a preocupação ética dos personagens com alguma falta supostamente cometida, falta cuja razão nunca é sabida , que se o arrasto em forma de culpa e de medo de contato a única referência direta á sujeira se encontra diretamente em A menina morta. O comendador retorna da administração dos campos para ver, pela última vez, a criança já posta em seu caixão.^{III}

Na constituição do romance que é considerado a obra-prima de Cornélio Penna, a atmosfera de estranheza, penumbra e medo são indubitavelmente presentes pelo fato de o romance acontecer abordando dentre os temas como, escravidão, patriarcalismo e opressão, a morte. Tais componentes conseguem desorientar o leitor na medida em que o mesmo submerge na trama sombria. Na composição da história personagens como, D. Mariana, a mãe da morta e de Carlota, é violentamente acometida pela dor da perda da filha mais nova e pela falta de liberdade imposta pelo sistema patriarcal da época. A matriarca praticamente não é tem falas nos primeiros capítulos da trama, ela é sempre descrita por quem vive a sua volta. Mas a verdadeira essência de Mariana não é vista a princípio pelos leitores que tem a sensação de ter na matriarca uma pessoa esnobe e indiferente aos acontecimentos da casa, dentre tais fatos, o adorno do corpo da sua filha, pois a preceptora da infante falecida tece comentário que descrevem Mariana como fútil de olhar altivo.

Carlota é a filha mais velha que volta dos estudos na corte após a morte de sua irmã mais nova. Essa tem teria o objetivo de amenizar a clima ruim deixado pela lacuna da morta e, casando-se com João Batista daria continuidade ao sistema patriarcal-escravocrata proposto pelo seu pai, pois o futuro esposo de Carlota era um Jovem herdeiro que amenizaria a crise e a decadência instalada na fazenda do Comendador Albernaz. Porém a primogênita se mostra contra á ideia de casar-se com o filho da Condessa e do um Nobre que fazia parte da coroa.



Todos esperam que a filha mais velha dê continuidade ao sistema tradicional de casamento e constituição de família daquela época, porem a jovem mulher se vê agredida por todo aquele cenário de escravidão e injustiça que imperava no Grotão. Apesar de chegar a primogênita que, de algum modo melhoraria as coisas naquele lugar... ela não se sente totalmente acolhida e em algumas passagens da narrativa é percebida sua estranheza em relação a fazenda, ou seja, de certa forma, Carlota não se vê ali .Perante isso, pode-se ter dimensão do sofrimento que acometia a jovem que sentia-se uma “estranha em seu próprio ninho”.

Eram, porém, como se um véu translúcido tivesse sido estendido diante dela e a separasse de toda aquela gente em movimento e cujos lábios se agitavam a mesmo tempo muito perto e muito distante, pois não compreendia completamente as palavras ou vidas e, sobretudo, aumentava cada vez mais a impressão de que não fazia parte daquele grupo de pessoas.^{IV}

Dentre as várias personagens da trama corneliana, Carlota é uma das que mais sofrem, apesar de não deixar transparecer. O sentimento de revolta é timidamente percebido em seus atos ao longo da narrativa. Poderíamos citar Carlota como um exemplo de resistência á aquele sistema patriarcal que lhe sugaria a vida, pois a primogênita estaria fadada a dar continuidade a aquele ciclo monstruoso e opressor, um sistema escravocrata e patriarcal.

Aos matrimônios impostos, sempre cabe algum tipo de resistência, ainda que silenciosa. A mais notória de todas é a empreendida por Carlota, em A menina morta. A princípio a jovem parece aceitar a decisão do pai de casá-la com João Batista. No entanto, no transcorrer da narrativa torna-se evidente que o matrimônio é um negócio. A sua família ganharia a dignidade representada pelos títulos pomposos da do noivo. Este ganharia a rica fazenda do Grotão. Carlota se recusa ao casamento e interrompe qualquer continuidade, tanto pela questão do marido – um provável novo patriarca – quanto pela de eventuais filhos. No caso desse matrimônio, seriam as memórias de Dona Mariana, sua mãe, e da menina morta, sua irmã, que seriam suprimidas. A fundação dessa nova família que Carlota e João Batista representam prestaria ao Comendador o serviço de apagar a memória da esposa, que partira do Grotão, e a da criança, que falecera.^V



A filha mais nova de Dona Mariana e do Comendador, a qual não se sabe o nome nem a causa de sua morte, era uma figura tida como apaziguadora, pois a mesma conseguia levar alegria àquela casa tão grande onde a violência acometia tanto Mariana que era vítima da indiferença e da falta de atenção de seu marido, no qual ela via menos um amigo que um comendador, quanto os escravos que eram violentamente agredidos pelo sistema escravocrata que regia ali.

A questão do mal, independente da esfera onde se discute discutida, é polêmica, inquietante e muitas vezes assustadora, pois muitos questionamentos surgem e as respostas podem ir de encontra com a lógica humana. Não é recente o fato de que muitos estudiosos tais como filósofos, teólogos e outros pensadores tentam explicar, ou talvez entender o mal em sua origem e substância. Muitos desses pensadores que tentam decifram esse grande enigma que inquieta muita gente, atribui ao mal, uma origem meramente humana, como se o mal estivesse no âmago de cada ser, outros partem do postulado que o mal seria criação de Deus, pois Ele criou todas as coisas, e, conseqüentemente o teria criado. Não obstante discutiremos a questão do mal por prismas Leibnizianos, os quais nos mostram o mal como figura independente de Deus, pois segundo Leibniz, o mal é algo que está arraigado á nossa condição existencial.

Pode-se levar em consideração que, a figura que representa o mal, a serpente estava lá entes de o homem ser criado, pois quando Adão e Eva estão no paraíso, o ofidiídeo simplesmente aparece, dando assim a sensação de que ele já estava lá. Por conta disso, é atribuída a cobra esse caráter enigmático, pois não se sabe de onde ela vem e por qual motivo ela representa o mal. Segundo Ricoeur e todos os pensadores cristãos, Deus não pode ser acusado de ter criado o mal, justamente porque o mal, que no caso do relato bíblico é representado pela serpente que aparece no jardim do Éden de forma espontânea. Odesdobramento disso conhecemos: Santo Agostinho elaborou o conceito de pecado original...e reuniu nesse conceito uma categoria jurídica de dívida e uma categoria biológica de herança. Daí a história da culpabilidade hereditária. Com isso, ele pretendia salvaguardar que o ser humano, depois do pecado de Adão, estava totalmente implicado no mal.

O mal, na narrativa, se faz presente, mormente no título da trama, “A menina morta, pois segundo Leibniz, a morte é algo inerente a todos os seres vivos e é um mal que, de um modo ou de outro acometerá todos nós.”^{vi} Para Leibniz, a questão do mal estaria numa condição metafísica, por tanto, é algo que vai além do nosso alcance. O filósofo, matemático ,e diplomata alemão nascido em Leipzig, 1 de julho de 1646, Gottfried Wilhelm von Leibniz,



afirma que o mal é algo necessário ao equilíbrio do universo. Por afirmações como essa, ele ganhou o título de “defensor de Deus”, pois segundo ele, o Criador não seria capaz de nos deixar ser acometidos pelo mal gratuitamente, senão para o nosso próprio bem. Tal teoria depende do que estar por vir ,ou seja o filósofo deposita em eventos futuros a explicação para o mal que acomete no presente, colocando em cheque a questão da fé ,onde é preciso acreditar no que está por vir.

Partido da premissa a qual afirma que o mal é “ a degeneração dos limites das substâncias que fazem o mundo”^{vii} pode-se afirmar que a forma mais clarividente está na própria menina morta, visto que, enquanto matéria orgânica que somos, seremos decompostos por micro-organismos assim que morremos. Portanto, a morte da menina pode ser considerada a concretização do mal, segundo o Filósofo alemão. A degeneração e deterioração não se limitam somente ao corpo de infante, mas o sistema que rege aquele lugar que está morrendo e quase sendo sepultado com a menina morta. A morte do corpo menina enquanto matéria orgânica, poderia também ser um metáfora á eminente morte daquele sistema escravocrata e opressor que regia o Grotão.

Não só as coisas se deterioram no romance corneliano, mas também as pessoas o corpo morto da criança é asqueroso como de um monstro celestina tentou segurar desajeitadamente o esquife, não sem deixar passar primeiramente um arrepio, um gesto instintivo de repulsa. Responsáveis por acompanhar o caixão, inimigo hostil, até o carneiro de Ponto Novo, parentas imaginam: Diante delas surgiria um rosto inchado e deformado pelo calor e pela podridão que decerto já se procedia ali dentro...^{viii}

O mal natural, segundo Leibniz , é a dor e o sofrimento, o qual se faz presente em toda a trama, pois não há sentimentos mais tácitos que os de dor e sofrimento vividos por quase todos os personagens na trama corneliana, porém poderemos ter o percurso de Mariana na narrativa como exemplo maior do mal que se manifesta na obra por conta, também, da morte da sua filha mais nova. Apesar de Mariana ser considerada a princípio como, uma rainha ativa que anda como se estivesse flutuando no cão, a matriarca é uma das personagens mais acometidas pelo mal, pois não há perda maior que a de uma filha. Talvez, por conta de qualquer reação de desespero pela morte da criança ser condenada pelo comendador por parecer algo faltoso, Mariana estava sempre recolhida em silêncio. Além de todo sofrimentos



oriundo daquele sistema escravocrata e patriarcal, a morte da criança, o mal maior, suscita tanto sofrimento e dor na trama. A matriarca no fim da trama é acometida por mais um mal, o de perder a lucidez do mundo. Afinal, viver aos olhares desconfiados e indiferentes do marido, perder uma filha e ser expulsa de casa, é sofrer demasiadamente. Males esses, oriundos, talvez, da morte da menina o que teria causado todos os outros males na casa.

Uma grande mola parecia ter se quebrado na fazenda e todo aquele enorme organismo, até ali movido com regularidade dos cronômetros...A lassidão era geral...Cada qual sentia no íntimo, ter o grotão se fendido de alto de alto e baixo, na iminência de ruir, e algum mal estranho corroía suas entranhas....^{IX}

Sem sombra de dúvida seria possível notar toda a dor de uma mãe que perdeu uma filha, esse é o caso de Dona Mariana que perde sua filha mais nova, mas sofre em silêncio. A dor e o sofrimento que a matriarca da família Albernaz padece é algo pouco visível, o que poderia acentuar mais ainda todo o processo de sofrimento. A morte da menina poderia em primeira mão ser vista como algo desolador, uma tragédia por conta de uma figura tão iluminada ter sua vida cerceada tão cedo, mas segundo Leibniz, o mal é necessário ao equilíbrio do universo. É fato que a morte é um fenômeno presente na obra, pois o próprio título da obra carrega esse verbete tão forte mal quisto. Se Leibniz nos diz que o mal é algo necessário ao equilíbrio do universo, Santo Agostinho enfatiza em confissões,^x obra na qual ele dedica uma parte à explicação da origem do mal, o capítulo 145. O Santo afirma que, em toda a sua bondade, Deus não deixaria acontecer algo que não fosse para o nosso bem, mesmo que tal acontecimento seja o acometimento pelo mal. Sendo assim, o sofrimento pelo qual Dona Mariana estava passando, poderia não ser sem propósito, visto que tal sofrimento poderia culminar em algo de positivo, por mais que tal afirmação pudesse parecer surreal aos olhos da lógica humana, mas não aos olhos de Deus que tirou a lucidez da matriarca, talvez a poupando de uma realidade tão ríspida.

O período escravocrata foi, sem sombra de dúvida, uma época na qual os negros mais padeeceram no Brasil, uma mácula na nossa história. É com muita clareza que a obra cornelianiana retrata todo esse percurso feito por nossos antepassados afrodescendentes em A menina Morta. Na fazenda do Grotão os negros eram frequentemente agredidos, tanto de forma física como psicológica. Dentre vários escravos, pode-se citar Libânia, a que foi ama de leite da menina morta. Nesta negra podem-se encontrar traços de rebeldia, revolta, recalque e



sofrimento. Entre outras coisas, ela padece pelo fato de o comendador tê-la impedido de ir eu enterro da menina morta, figura a qual a ama de leite tinha muito apreço. Diante disso, é possível notar o mal que acomete Libânia, a dor da perda de menina que mora, além do sofrimento e do terror psicológico impostos pelo comendador que lhe cerceara o direito de expressar seus sentimentos e lamentos seguindo o cortejo de menina morta. O ponto máximo de revolta de Libânia para com todo aquele sistema é materializado na ação onde ela rasga a sua carta de alforria, mas guarda os pedaços dela.

Considerações finais

Depois de tudo que vimos nesse conciso percurso que visou analisar o mal na obra de Cornélio Penna, ficaram claros todos os infortúnios que circundaram a trama cornelianiana; a loucura de Dona Mariana, o sofrimento de Carlota que padeceu por vários motivos, entre eles o fato de ter de substituir forçosamente a sua irmã e ter de dar seguimento ao círculo escravocrata e patriarcal; os castigos físicos e privações sofridas pelos escravos; a morte do comendador e o principal de todos; a morte da jovem infante. Porém, fazendo jus quando Leibniz diz que “o mal é necessário ao equilíbrio do universo” pode-se afirmar que a soltura dos escravos é algo que acontece por conta de vinda de Carlota da corte e da morte do Patriarca. Vendo por esse prisma, o mal culmina no bem. Seria talvez, o destino de Carlota ter de retornar à sua casa, apesar de todo o sofrimento vivido por ela para que a mesma tivesse de quebrar aquele círculo patriarcal, escravocrata e opressor mantido por seu pai. E por último, pode-se ver a ação do mal como a degeneração das substâncias, ou seja, a morte da menina, acontecimento esse que fez Carlota retorna à sua casa e suscitou outros males na fazenda do Grotão. Depois de tudo, resta-nos buscar uma explicação para esse enigma que incomoda o homem na sua condição de criatura e ser que é movido pela curiosidade e pelas buscas de respostas ao que lhe acontece. Porém, a resposta para esse questionamento não é clara e unívoca ao entendimento humano, contudo, o simples fato de viver pode ultrapassar qualquer explicação sobre a vida e seus mais profundos questionamentos, pois talvez a resposta seja menos importe que a pergunta.

Notas



^I Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-graduando em Literaturas Brasileira e Portuguesa pela Faculdade Pio Décimo. Professor da rede particular de ensino. Pesquisador na área de literatura. E-mail: julioflavio.04@hotmail.com

^{II} Penna, 1954, p.893.

^{III} Lima, 2005, p.37-grifo meu.

^{IV} Penna, 1954, p.1018.

^V Santos, 2004, p.26.

^{VI} Leibniz, apud, Ricoeur, 1986, p.35.

^{VII} Leibniz, apud: Neiman, 2003, p.35.

^{VIII} Jeha, 2007, p.132.

^{IX} Penna, 1954, p.1014.

^X Agostinho (2002).

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martim Claret, 2002.

JEHA, Júlio (Org). **Monstros e Monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

LEIBNIZ, Gottfried Wihelm. **Discurso de metafísica e outros textos**. 1ª. Ed. São Paulo: Martins, 1986.

LIMA, Luiz Costa. **A perversão do trapezista: o romance em Cornélio Penna**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NEIMAN, Susan. **O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia**: Tradução Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

PENNA, Cornélio. **A menina morta**. Rio de Janeiro: Artium, 1997.

RICOEUR, Paul. **O mal: um desafio a teologia e a filosofia**. Trad. Maria Piedade Eça de Almeida. São Paulo: Papirus, 1985.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. **Fronteiras da nação em Cornélio Penna**. Tese (Doutorado em Letras), Pós-graduação em Letras e estudos literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.